

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

LUCAS LIMA SANTOS

**ENTRE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: o valor dos arquivos pessoais na
Biblioteconomia**

JOÃO PESSOA

2025

LUCAS LIMA SANTOS

**ENTRE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: o valor dos arquivos pessoais na
Biblioteconomia**

Artigo científico apresentado ao curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

JOÃO PESSOA

2025


LUCAS LIMA SANTOS

**ENTRE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: o valor dos arquivos pessoais na
Biblioteconomia**


Artigo científico apresentado ao curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **GEYSA FLAVIA CAMARA DE LIMA NASCIMENTO**
Data: 11/10/2025 21:27:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

Orientadora – UFPB
Documento assinado digitalmente
 **EVERTON FERNANDES DE LIMA**
Data: 11/10/2025 21:53:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Everton Fernandes de Lima
Membro Externo – UFPB

Ediene Souza de Lima
Membro Externo – UFPB

RESUMO

Este artigo discute a relevância dos arquivos pessoais como patrimônio documental, enfatizando sua importância para a preservação da memória individual e coletiva. A partir da perspectiva da Biblioteconomia, a análise aborda a organização, a preservação e o acesso aos documentos pessoais, compreendendo-os como entidades portadoras de informação cultural e histórica. Utiliza-se uma abordagem qualitativa de caráter documental, com objetivos exploratórios e descritivos. Como exemplo empírico, analisa-se a constituição de um acervo musical doado a uma instituição pública de ensino superior, ressaltando os desafios e as potencialidades de sua custódia. A reflexão evidencia que os arquivos pessoais, longe de serem apenas registros íntimos, representam fontes valiosas para a pesquisa acadêmica e para a consolidação da identidade cultural. Conclui-se que o bibliotecário desempenha papel central nesse processo, atuando como mediador entre a preservação do patrimônio documental e a difusão da memória social.

Palavras-chave: Biblioteconomia; Arquivos pessoais; Memória documental; Patrimônio cultural; Organização da informação.

ABSTRACT

This article discusses the relevance of personal archives as documentary heritage, emphasizing their importance for the preservation of individual and collective memory. From the perspective of Library Science, the analysis addresses the organization, preservation, and access to personal documents, understanding them as entities that carry cultural and historical information. A qualitative and documentary-based approach is used, with exploratory and descriptive objectives. As an empirical example, the formation of a musical collection donated to a public higher education institution is analyzed, highlighting the challenges and potentialities of its custody. The reflection shows that personal archives, far from being merely intimate records, represent valuable sources for academic research and the consolidation of cultural identity. It is concluded that the librarian plays a central role in this process, acting as a mediator between the preservation of documentary heritage and the dissemination of social memory.

Keywords: Library Science; Personal archives; Documentary memory; Cultural heritage; Information organization.

1 MARCO INICIAL

As coleções pessoais vinculadas a instituições de memória reposicionam o documento na Biblioteconomia ao convertê-lo de peça isolada em infraestrutura de memória, pesquisa e ensino. Ao reunir manuscritos, correspondências, fotografias, partituras, registros sonoros e visuais, programas de concerto e objetos performáticos, elas ampliam o escopo informacional e exigem soluções integradas de seleção, representação, preservação e acesso. No Brasil, onde a produção artístico-cultural carece muitas vezes de tratamento sistemático e visibilidade pública, o estudo de coleções pessoais contribui para o direito à memória e para a circulação social do conhecimento.

A Coleção Sivuca foi escolhida porque reúne, em um único conjunto sob guarda institucional na UFPB, alta diversidade de suportes, documentação auxiliar disponível, relevância reconhecida para a música brasileira e paraibana e condições reais de trabalho técnico que espelham desafios típicos de coleções especiais, como registro de metadados contextuais, descrição multissuporte, gestão de direitos e mediação cultural. Mesmo não integrada a um acervo de biblioteca universitária, sua configuração oferece um campo aplicado para formular soluções biblioteconômicas transferíveis a bibliotecas e coleções congêneres. À luz de Otlet, Briet, Meyriat e Buckland, adota-se a compreensão de documento como função, isto é, como aquilo que adquire inteligibilidade no contexto de produção e uso; nesse sentido, a coleção permite demonstrar como a organização da informação produz acesso qualificado e impacto em ensino, pesquisa, extensão e inovação cultural.

A motivação desta pesquisa deriva de uma trajetória acadêmica que articula graduação em Arquivologia, mestrado e doutoramento em Ciência da Informação. Essa formação sustenta a transposição crítica de atenção ao contexto, às marcas de uso e à proveniência para soluções biblioteconômicas de seleção, descrição e disseminação, valoriza metadados contextuais em múltiplos suportes e orienta a criação de serviços e ações de mediação capazes de conectar a coleção a currículos, projetos de pesquisa, atividades de extensão e demandas sociais.

Diante desse contexto, parte-se do pressuposto de que a análise da coleção pessoal de Sivuca, em perspectiva neodocumental, permite investigar as inter-relações estabelecidas entre os documentos e com elementos externos, tomando-os como entidades portadoras de informação. O conteúdo apresentado neste trabalho corresponde a um fragmento da pesquisa que busca recuperar a organização proposta pela doadora, valorizando camadas contextuais registradas nos itens. Dentro desse panorama, detalha-se o processo de formação da coleção,

explorando indícios e rastros deixados pelo músico e por outros atores por meio de marcas de propriedade e de seus fluxos. O estudo pretende, assim, oferecer subsídios para a compreensão da memória e da identidade cultural, evidenciando como trajetórias individuais iluminam e influenciam o patrimônio.

2 ENTRE MEMÓRIAS E CANÇÕES: a vida e a obra de severino dias de oliveira

Nascido em 26 de maio de 1930, em Itabaiana, município da Paraíba, Brasil, Severino Dias de Oliveira, mais conhecido como Sivuca, foi um multi-instrumentista, maestro, arranjador, compositor, orquestrador e cantor, “[...] referência por transitar entre o popular e o erudito, explorando vários instrumentos e estilos musicais, do clássico ao forró, passando pelo jazz, blues e baião, com naturalidade” (Baranov, 2013). É considerado um dos mais importantes nomes da música popular brasileira, reconhecido internacionalmente por sua obra e talento.

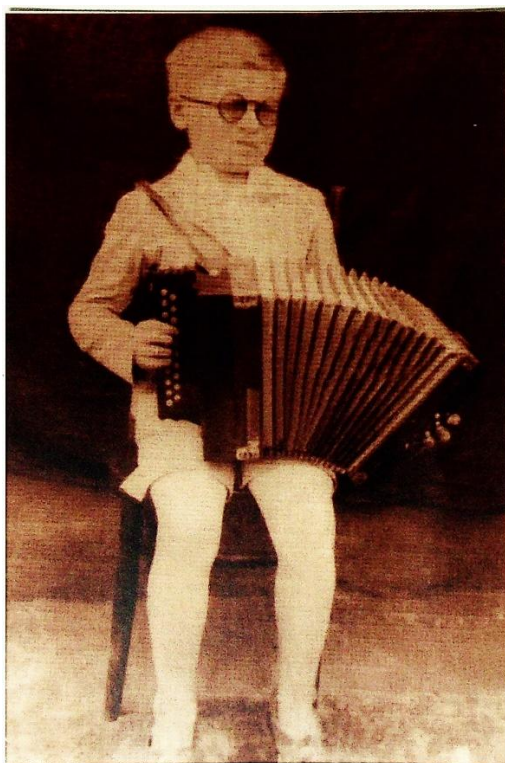
Nesse contexto,

A vasta obra musical de Sivuca foi influenciada por diferentes estilos musicais e fontes sonoras – algumas recorrentes em sua carreira – que ganharam diferentes relevâncias em cada fase do músico e que puderam ainda sofrer desdobramentos no decorrer dos processos de fusões e entrelaçamentos entre universos musicais, cuja resultante sonora é a produção eclética e universal de sua música (Soares, 2021, p. 44).

Para a Biblioteconomia, essa heterogeneidade se traduz em um conjunto multissuporte que demanda metadados consistentes, controle de autoridades e notas de contexto que garantam recuperação e interpretação adequadas.

Nessa perspectiva, a trajetória de Sivuca, marcada por uma produção musical rica e diversa, tem suas raízes em 1939, quando, aos nove anos, ele recebeu sua primeira sanfona, dando início a uma carreira que se desenvolveu e se transformou ao longo do tempo, refletindo as influências de múltiplos estilos musicais e as experiências vividas desde sua infância. A partir daí, ele começa a tocar o instrumento e a se apresentar profissionalmente no interior nordestino, em feiras, festas populares, batizados e até em circos (Instituto Cultural Cravo Albin, 2021).

Figura 1 - Sivuca aos 12 anos de idade, em 1942



Fonte: Acervo pessoal de Sivuca (2025).

Sendo um dos mais renomados músicos brasileiros, teve uma carreira marcada por diversas fases, estilos e influências que contribuíram para a produção de uma obra musical eclética e universal. Sua trajetória começou a ganhar destaque em 1948, quando foi contratado pela Rádio Jornal do Commercio, em Recife, município de Pernambuco, Brasil. Lá, ele teve a oportunidade de estudar teoria musical e harmonia sob a orientação do maestro Guerra Peixe, um período que marcou profundamente sua formação artística e o conduziu à criação de trilhas sonoras para novelas da rádio.

Figura 2 - Sivuca na Rádio Jornal do Commercio, em 1948.

Fonte: Acervo pessoal de Sivuca (2025).

Nesse contexto, Sivuca deixou um legado que transcende as fronteiras do Brasil, sendo reconhecido como um dos maiores expoentes da música instrumental brasileira, cujas composições e arranjos continuam a influenciar músicos ao redor do mundo. Sua obra é um testemunho do poder da música como uma linguagem universal, capaz de unir diferentes culturas e expressar a riqueza da alma humana.

Assim como a obra de Sivuca se perpetua como um legado cultural, a preservação de documentos e acervos pessoais também desempenha um papel importante na construção e manutenção da memória individual e coletiva. A criação de seu acervo pessoal, uma iniciativa de sua viúva Glória Gadelha, reúne partituras, gravações, correspondências e outros documentos íntimos. Esse acervo não apenas preserva as lembranças de Sivuca, mas também se torna uma fonte valiosa para estudiosos e admiradores de sua obra.

Portanto, a constituição de coleções pessoais é uma prática recorrente tanto nas organizações, sejam elas públicas ou privadas, quanto na rotina individual, transcendentemente ao status social ou à proeminência alcançada por uma pessoa na comunidade. Tanto figuras de notoriedade quanto cidadãos do cotidiano acumulam, em suas jornadas, uma série de documentos. Esses documentos variam desde aqueles de natureza funcional, que servem como comprovantes de atividades e responsabilidades no âmbito social, profissional ou financeiro, até registros de natureza memorialística que capturam, de maneira íntima, a essência da identidade pessoal, das conexões sociais e dos vínculos emocionais de um indivíduo (Artières, 1998).

A literatura reconhece que os chamados arquivos pessoais foram historicamente tratados à margem dos sistemas administrativos. Neste estudo, adota-se o termo coleção pessoal para enfatizar o enquadramento biblioteconômico, mas preservam-se as contribuições teóricas que destacam o papel desses conjuntos na materialização de trajetórias e relações sociais, útil para a representação, a proveniência e a mediação.

Nesse aspecto, acerca da relação entre arquivos pessoais e memória, Holmes e Oliveira (2023) compreendem os arquivos pessoais enquanto extensores de memória que permitem o acesso as informações adormecidas, silenciadas, e contribuem para que, a partir dos documentos neles preservados, os indivíduos possam, intencionalmente ou não, acionar os mais diversos sentimentos, redescobrir algo ou alguém, momentos vividos, acontecimentos e fatos. Em chave biblioteconômica, essa compreensão orienta a descrição com notas de

contexto, o controle de autoridades e a mediação, de modo a facilitar o acesso significativo às camadas informacionais do conjunto.

Por sua vez, Tognoli e Barros (2011, p. 77) afirmam que:

O arquivo pessoal [coleções pessoais] é a materialidade mais contundente na relação que estabelece entre a memória individual e a coletiva, à medida que os documentos ali encontrados fazem parte do ideário individual de uma pessoa, que fez parte de um grupo político e/ou artístico e produziu documentos, ou seja, ele foi influenciado e influenciou os saberes e discursos produzidos em uma determinada época.

Essa perspectiva pode ser exemplificada na coleção pessoal de Sivuca (1930-2006), que inclui uma variedade de documentos e itens como partituras, itens pessoais, fotografias, cartas, caricaturas, esculturas, pinturas em óleo sobre tela, vestuário, instrumentos musicais, vinis, livros, jornais e revistas, o qual foi formalmente transferido para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2022, após aprovação do Conselho Curador em 3 de maio do mesmo ano. Este conjunto documental, agora sob a guarda do Arquivo Central (ACE) da UFPB, reflete não apenas a rica trajetória profissional de Sivuca, mas também aspectos culturais e pessoais significativos, servindo como um testemunho palpável de sua vida e obra.

Diante desse contexto, parte-se do pressuposto de que a análise da coleção pessoal de Sivuca a partir da neodocumentação, permite investigar as inter-relações estabelecidas pelos documentos do acervo, tanto entre si quanto com outros elementos externos.

3 DOCUMENTAÇÃO, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: INVESTIGANDO O ACERVO PESSOAL DE SIVUCA

O campo da documentação tem o belga Paul Otlet como um de seus precursores, por meio da sua obra “Tratado de Documentação: o livro sobre o livro – teoria e prática”, publicada em 1934. Otlet é responsável por pensar o documento como produto histórico da atividade humana, em suas múltiplas representações e formatos, assumindo por isso uma perspectiva abrangente do documento. Nesse contexto, o autor delinea que o campo não se dedica apenas a documentos escritos e gráficos, mas também a objetos, pelo seu valor documental:

O documento escrito ou gráfico é a representação das coisas materiais ou imagens intelectuais e abstratas das coisas. As próprias coisas materiais (objetos) podem ser entendidas como documentos quando são construídas como elementos sensíveis, de estudo direto, ou provas de uma demonstração (Otlet, 2018, p. 337).

Na Biblioteconomia, a leitura de Otlet ampara a incorporação de múltiplos suportes às coleções e orienta sua representação descritiva e temática: para além do impresso, objetos com valor informacional podem e devem ser descritos com metadados adequados, notas de contexto e relações de proveniência, integrando políticas de desenvolvimento de coleções, preservação e acesso.

Retomando as ideias de Paul Otlet, a francesa Suzanne Briet fez significativas contribuições ao campo da documentação. Seu trabalho, voltado para a diversidade de documentos, ampliou a concepção do que constitui um documento, esclarecendo seu conceito e valorizando o campo. Em 1951, Briet publicou o livro “Qu’est-ce que la documentation?”, uma obra consagrada na área. No livro, ela define documento como “[...] todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com o intuito de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (Briet, 2016, p. 1).

A ampliação conceitual de Briet reforça, para a Biblioteconomia, a necessidade de metadados contextuais, controle de autoridades e registro de relações obra–evento–pessoa–lugar, garantindo interoperabilidade entre catálogos e repositórios e favorecendo descoberta e reuso informacional.

Complementando essa visão, Jacques Le Goff enfatiza que os documentos não são apenas fontes neutras de informação, mas construções que refletem as intenções, perspectivas e contextos de quem os produziu. Para Le Goff (1994), compreender um documento envolve não apenas o exame de seu conteúdo, mas também a investigação de suas condições de produção, circulação e recepção. Dessa forma, o documento é visto como uma ferramenta essencial para a reconstituição do passado, mas também como um artefato que precisa ser interpretado à luz das relações de poder e das estruturas sociais de seu tempo.

Aplicada às coleções pessoais em unidades de informação, a perspectiva de Le Goff demanda notas de contexto, história custodial e registro de uso, elementos que orientam decisões biblioteconômicas de representação, preservação e mediação, e que devem constar nos instrumentos descritivos.

Por sua vez, Jean Meyriat (1981) antes de refletir sobre o que é documento, busca conceituar documentação. Para este autor, a palavra recebe três acepções bastantes distintas: designa um conjunto de documentos constituídos por intenção, por exemplo, quando levantamos a documentação necessária para iniciar uma pesquisa científica; designa a atividade que permite construir o documento (produto), isto é, a técnica ou conjunto de

técnicas para coletar, classificar e explorar documentos; por último, em um sentido mais abstrato, como uma ciência, ou conjunto de conhecimentos que são base para a técnica.

Essas três acepções de Meyriat se traduzem, no fazer biblioteconômico, em: coleção como conjunto intencional; processos técnicos de seleção, descrição, indexação e preservação; e corpo teórico-metodológico que guia políticas, fluxos e avaliação de serviços de informação.

Acerca disso, observa-se um avanço ao se considerar documento para além do escrito, à medida que algo será definido como documento não por uma característica física, mas por sua função em transmitir uma mensagem com significado. Por conseguinte, a constatação de que todo objeto pode ter esta função de transmitir informação, permite pensar em documentos para além dos escritos. No entanto, é evidente que a escrita é a forma mais comum de se comunicar uma mensagem, além de que é possível escrever em diversos objetos diferentes (papel, pedra, cerâmica, outros) e, ainda, utilizando diferentes sistemas de signos (alfabético, fonético, ideográfico, outros) (Meyriat, 1981).

Para a Biblioteconomia, “documento como função” implica modelagem descritiva sensível ao contexto, com campos para suporte, conteúdo, função, proveniência e uso, além de vocabulários e autoridades que acomodem a diversidade semântica e material dos itens.

Logo, conforme Meyriat (1981), é possível categorizar uma dupla origem possível para o documento: aquele objeto que foi criado intencionalmente para ser um documento, e aquele que não houve essa intenção, mas acaba tornando-se documento a partir do momento em que alguém atribui essa dimensão a um registro de informação. Dessa forma, percebe-se que as categorias não estão relacionadas aos objetos em si, mas a condição deles em informar, o que é situacional e temporal (Ortega; Saldanha, 2019).

Em contexto semelhante, Buckland (2014), ao retomar sua abordagem acerca da multiplicidade de usos da palavra “informação” (Buckland, 1991), especialmente “informação como coisa”, compreende que esta última se torna sinônimo de uma visão ampla de documento. Com isso, identifica três visões principais acerca de documento: uma visão convencional/material (algo é feito como documento), uma visão instrumental (algo é transformado em documento), e uma visão semiótica (algo é considerado como documento). Essas três visões sustentam, em Biblioteconomia, decisões de política de desenvolvimento, arranjos de metadados e mediação: registrar quando o item é feito, transformado ou considerado documento, e explicitar as relações que dão significado ao objeto no catálogo.

Em síntese, a proposta de Meyriat (1981) é que o usuário faz o documento. Ao contextualizarmos os pressupostos do autor para o contexto da presente pesquisa,

compreendemos que o acervo pessoal de Sivuca pressupõe a existência das duas categorias de documentos: objetos produzidos com a intenção de funcionarem como documentos, e objetos que receberam ou receberão esta atribuição de forma posterior. Assim como, pela perspectiva de Buckland (2014), entendemos que o acervo possui objetos feitos como documentos, outros que foram transformados em documentos, e objetos que foram (ou serão) considerados como documentos. No tratamento da coleção pessoal de Sivuca, isso se traduz em metadados que evidenciem intenção, ressignificação e reconhecimento documental, garantindo rastreabilidade das interpretações e suporte a pesquisa, ensino e mediação cultural.

Logo, além dos documentos “tradicionais” do acervo em papel – correspondências, fotografias, folders e panfletos de programação de shows, temos as vestimentas utilizadas em apresentações, os apetrechos utilizados nas viagens a trabalho, os instrumentos musicais, os objetos decorativos das estantes do escritório, as premiações recebidas, os móveis dispostos no ambiente de casa, entre outros, talvez não percebidos como documentos em seus usos e contextos originais, mas que adquiriram ou poderão adquirir esse significado posteriormente. Dessa forma, enquanto objetos naturalmente documentos, ou que se tornaram ou podem se tornar documentos, todos eles informam ou tem potencial de informar, embora esta potencialidade possa não ser facilmente percebida ou, ainda, possa ser difícil recuperá-la.

Para Assmann (2011) quando estamos diante de um acervo documental, especialmente arquivos pessoais, nos deparamos com uma memória cultural construída que é capaz de transcender eras, pela natureza de suporte dos registros. Ou seja, visualizamos os arquivos pessoais como locais de guarda e preservação de memórias, no qual “Indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas, e organizam suas memórias com o auxílio de meios de armazenamento externo e práticas culturais.” (Assmann, 2011, p. 24).

Nesse contexto, memória e acervo se conectam de forma intrínseca, resultando em uma releitura do passado que rompe com padrões estabelecidos e desafia as verdades mantidas por certos grupos sociais. Esse argumento encontra suporte em Halbwachs (2004, p. 30), quando afirma que as memórias “permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos”. A abordagem biblioteconômica registra a dimensão coletiva da memória por meio de descritores temáticos, relações de autoridade e notas de contexto comunitário, fortalecendo caminhos de recuperação que reflitam diferentes vozes e usos sociais.

Michael Pollak (1992) afirma que a memória é um fenômeno construído, consciente ou inconscientemente, através do processo de organização da memória, tanto em nível individual quanto social. Esse fenômeno não só compõe o sentimento de identidade, mas também é essencial para a continuidade e coerência de uma pessoa ou grupo em sua autorreconstrução.

Isto porque, enquanto construções circunscritas temporal e espacialmente, essas memórias necessitam de algumas referências para sua consolidação, cujos elementos devem expressar-se materialmente, passíveis de promover a articulação dos diferentes atores sociais que se dão naquele momento. Neste viés, percebemos compreender a noção de patrimônio como entrelaçamento, dos processos de elaboração da noção de pertencimento dessas referências frente ao marco memorial que uma coletividade elege como representativo de seu eu. Na prática, bibliotecas e coleções especiais identificam comunidades-alvo, usos sociais e indicadores de impacto para orientar seleção, preservação e mediação, alinhando patrimônio documental a necessidades informacionais concretas.

Vale salientar que conforme definição do glossário do Programa Memória do Mundo, patrimônio documental, é “[...] a memória coletiva e documentada dos povos do mundo [...]” (UNESCO, 2002, p. 5). Conceito que “compreende peças que se podem mover, preservar e deslocar e que se têm conservado graças a um processo de documentação intencional” (UNESCO, 2002, p. 62).

Conforme nos assegura Lage (2002), a ideia de patrimônio documental está intimamente relacionada ao conceito de documento:

[...] no seu duplo sentido - de recurso, logo funcional, e de significado, logo cultural -, sendo no entanto mais complexo que os conceitos já de si complexos de Documento (unidade de informação), Informação (dados do conhecimento registrados) ou Fonte histórica (todo o dado procedente do passado, do recente, que tem uma realidade material e objetiva, relacionado com a atividade científica e social e historicamente produzido; testemunho original, não reelaborado, do conhecimento do passado (Lage, 2002, p. 15).

Diante da ampla variação sobre a concepção de patrimônio, apresentada até o momento, podemos considerar que, em suas diferentes categorias, atende a muitos interesses tanto na esfera individual e/ou coletiva, quanto no âmbito das instituições, públicas e privadas, que o custodiam, sejam estes pessoais, sociais, políticos, técnicos etc. O patrimônio exerce forte influência na sociedade, no indivíduo ou na coletividade, que passam a ter e a ser parte do patrimônio. Verificamos, assim, suas potencialidades na criação de laços de

pertencimento, na construção de redes de interação social e na formação de memórias individuais e coletivas.

Dada a diversidade de concepções de patrimônio, é possível considerar que, ele responde a vários interesses, tanto individuais e/ou coletivos quanto das instituições, públicas e privadas, que o mantêm. O patrimônio influencia fortemente a sociedade, os indivíduos e as coletividades, passando a integrar potencialidades na formação de laços de pertencimento, na criação de redes de interação social e na construção de memórias individuais e coletivas.

No contexto do patrimônio, que serve como base fundamental para a memória e identidade coletiva, as práticas humanas e interações sociais e culturais contribuem para a formação de documentos que não apenas atestam poder, mas também encapsulam experiências culturais significativas. Este patrimônio, quando não adequadamente organizado e tratado, como observado no acervo pessoal de Sivuca, pode falhar em cumprir sua função de preservar a memória cultural. A falta de organização física e intelectual do acervo de Sivuca, com a ausência de aplicação dos princípios de tratamento de informações adequadas para arquivos musicais, compromete a possibilidade de acessar e compreender seu valor histórico e memorialístico (Gómez González, 2008).

Sendo assim, nos cabe achar as boas perspectivas, o ângulo correto, os instrumentos necessários, o valor histórico e a relevância de ações referentes ao acervo pessoal de Sivuca sob uma perspectiva contemporânea à luz da CI, considerando os documentos e suas camadas significantes que traduzem o titular, suas dinâmicas e relações de práticas pessoais e musicais evidenciadas em seus registros, considerando-o um importante instrumento cultural que remete a própria história e memória da música paraibana. Propõe-se, portanto, um enfoque biblioteconômico contemporâneo que traduza as camadas significantes da coleção pessoal de Sivuca em metadados, autoridades e vocabulários controlados, com fluxos de preservação e mediação que sustentem pesquisa, ensino e difusão, contribuindo para a compreensão da memória e da identidade cultural paraibana e brasileira.

4 ANTROPOLOGIA DA INFORMAÇÃO EM COLEÇÕES PESSOAIS: uma leitura neodocumental

O campo empírico em estudo é a coleção pessoal de Severino Dias de Oliveira (Sivuca), sob guarda institucional na UFPB. Para a sistematização informacional, descrevemos o processo de formação do conjunto, com foco em políticas de desenvolvimento

de coleções, proveniência, metadados contextuais e critérios de seleção. Não se trata de um mero repositório biográfico: é necessário considerar contextos de produção e uso, decisões de incorporação e descarte, e as condições de custódia e institucionalização, pois impactam a representação descritiva, a preservação e o acesso em catálogos e repositórios.

Neste caso, esses elementos são fundamentais não apenas para a construção da imagem do titular, mas também garantem a preservação do acervo, promovem a cultura e auxiliam na manutenção da memória. Dessa forma, o acervo é reconhecido não somente como um repositório de documentos, mas como um ator chave na cultura e história regional, refletindo as muitas camadas e dinâmicas da vida de Sivuca.

Esta visão aproxima-se da antropologia da informação em coleções pessoais, destacada por Cunha (2005), ao enfatizar dimensões simbólicas, ideológicas e informativas dos documentos e seus contextos de produção e guarda. Em Biblioteconomia, tal enfoque orienta notas de contexto, história custodial, relações obra–evento–pessoa–lugar e o desenho de serviços de mediação, reconhecendo as coleções como entidades socioculturais dinamicamente constituídas.

Significa, na concepção de Heymann (2013, p. 67),

Abordar os arquivos pessoais [coleções pessoais] sob um olhar antropológico sugere deslocar a atenção dos documentos para os processos de constituição desses [dessas] acervos [coleções]. Nessa mirada, além dos gestos individuais de seleção e guarda dos registros, devem ser considerados os contextos nos quais os conjuntos documentais se inserem: contextos sócio-históricos mais amplos, de uma parte, e contextos arquivísticos nos quais são preservados, tratados e disponibilizados, de outra.

Nesse contexto, investigam-se práticas formais e informais de organização, descrição, preservação e acesso e as interações que as sustentam. Em Biblioteconomia, isso se traduz em fluxos de trabalho documentados, campos de metadados para uso e marcas de posse, planos de preservação e métricas de uso que evidenciem como os significados são produzidos, mediadores e reapropriados pelos públicos.

Logo, a análise e interpretação do acervo pessoal de Sivuca enseja uma reflexão que não pode se limitar a vê-lo como um conjunto de documentos que cristalizou ações do seu titular ao longo de sua vida, em uma análise desconectada do contexto dos documentos, da intencionalidade do guardar e do não guardar, da seleção daquilo que não faria parte da constituição, as interferências acerca de sua constituição, custódia, doação e, posteriormente, a trajetória até sua institucionalização em uma Universidade Pública, e todos aspectos

possíveis provenientes desta última ação – projetar a imagem do titular, assegurar a preservação do acervo, fomentar a cultura e contribuir com a memória.

Para além, um acervo pessoal não se limita a uma memória individual, e no caso de um relevante compositor de projeção internacional como é Sivuca, pode representar uma multiplicidade de memórias coletivas percorridas ao longo de décadas de atuação, ultrapassando a barreira das nações. Com isso em mente, é que se pode pensar em formas de se investigar um acervo pessoal.

5 PROCESSO CONSTITUTIVO DO ACERVO PESSOAL DE SIVUCA: ANÁLISE DO CAMPO

A ideia de doar o acervo pessoal de Sivuca à UFPB por Glória Gadelha, viúva do compositor e doadora, surgiu muitos anos antes de sua concretização em 2022. Para viabilizar essa doação, foi necessária uma extensa articulação política junto às instâncias competentes da UFPB, bem como um trabalho prévio de organização do acervo para garantir um traslado seguro entre o local de origem e o novo destino. Após a conclusão dessas etapas, o acervo pessoal de Sivuca foi finalmente transportado para a UFPB, especificamente para ser custodiado no Arquivo Central/UFPB, órgão localizado nas dependências do prédio da Reitoria da Instituição.

Nesse contexto, o desejo de Glória Gadelha na criação de um Memorial voltado em específico para a trajetória e memória de Sivuca e que permita o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa, extensão, de educação e de cultura parece-nos ser a premissa que delineia a articulação em torno da doação do seu acervo pessoal para a UFPB, cristalizado no próprio Termo de Doação¹ do acervo à Instituição, de 17 de fevereiro de 2022.

No processo de doação, foram gerados dois documentos importantes que detalham os materiais trasladados: o “Anexo – Inventário Acervo Sivuca” e a “Discografia – Sivuca: Discos de Carreira – Discos Relançados – CDs – Compactos – Solo – Em Grupos”. Esses documentos servem como registros fundamentais para a descrição e preservação do acervo, garantindo que a rica história e contribuição musical de Sivuca sejam devidamente preservadas e acessíveis para futuras gerações.

O primeiro documento, correspondente ao inventário do acervo, é constituído por uma listagem na qual os itens são agrupados de acordo com determinados critérios, como a semelhança do suporte. Essa listagem inclui ou não registros fotográficos dos itens e, em alguns casos, descrições detalhadas ou sucintas, além da quantidade de documentos em cada

grupo. Por exemplo, os itens são organizados nos seguintes grupos: 1) fotos emolduradas; 2) jornais nacionais e internacionais; 3) DVDs; 4) bonecos, entre outros. Nesse sentido, observa-se que essa listagem não possui uma lista exaustiva de todos os documentos do acervo, uma vez que há inúmeros documentos presentes no acervo que não estão listados, inclusive ainda acondicionados desde a época em que foram trasladados.

O segundo documento, correspondente à discografia de Sivuca, encontra-se estruturado, consistindo em um quadro com colunas preenchidas com informações. As colunas são organizadas da seguinte forma: 1) ano; 2) tipo/rotação - capa; 3) artista; 4) título; 5) gravadora e série; 6) país; 7) informação adicional. Essas colunas contêm informações textuais sobre cada disco, com exceção da coluna "2) tipo/rotação - capa", que também inclui a imagem do disco. Cabe ressaltar que, em algumas colunas, não há informações descritivas dos discos. No cabeçalho, há uma breve explicação indicando que o documento é resultado de um trabalho de pesquisa e catalogação realizado conjuntamente por Glória Gadelha e Lucas Carvalho², em João Pessoa, em maio de 2020.

Figura 3 - Visão geral do acervo pessoal de Sivuca no ACE/UFPB



Fonte: dados da pesquisa de campo (2025).

Desde o início da custódia no local atual, o acervo passou por inúmeras mudanças na disposição física dos documentos. Essas mudanças resultaram do gradativo processo de conferência dos itens, retirada das embalagens utilizadas no transporte e organização dos documentos no mobiliário disponível. As decisões sobre a conferência, organização e preservação do acervo foram tomadas pelos responsáveis por essas atividades. Além disso, houve ocasiões de transferência parcial de documentos para outros locais, a fim de realizar

tarefas específicas como inventariação, digitalização, descrição e higienização. É importante destacar que pelo menos três pessoas diferentes estiveram envolvidas nas atividades de manejo do acervo.

Nesse contexto, todos esses fatores contribuem para a constante mudança na disposição física dos documentos do acervo, dificultando a recuperação de uma lógica ou organização original que possa ter sido atribuída pelo produtor ou por um familiar responsável pela organização do acervo com fins específicos, como a futura doação. No entanto, é possível que os documentos contenham informações que permitam resgatar, ao menos parcialmente, a trajetória e constituição do acervo, o que será confirmado com o prosseguimento da pesquisa.

A partir deste momento, registram-se observações sobre os documentos para examinar os processos pelos quais o acervo pessoal de Sivuca passou, incluindo a disposição dos documentos no ambiente, as informações registradas nos documentos e em outros objetos. Esses elementos contribuem para contar a história do acervo pessoal desde que foi incorporado à UFPB.

Nesse cenário, observa-se a disposição inicial dos documentos no ambiente durante o primeiro contato com o acervo pessoal de Sivuca. À primeira vista, nota-se que houve um trabalho de conferência e inventariação do acervo apenas parcialmente, evidenciado pelo fato de que certos documentos ainda estão acondicionados do mesmo jeito da época de transporte, como ilustrado na Figura 4.

Figura 4 - Documentos do acervo pessoal.



Fonte: dados da pesquisa de campo (2025).

Nesse sentido, uma das primeiras percepções é que o campo de pesquisa ainda está praticamente inexplorado. Além da ausência de instrumentos de pesquisa, como já relatado, observa-se que os documentos ainda precisam ser descobertos. Portanto, à exceção do

produtor, de eventuais familiares e de outros responsáveis pela organização do acervo antes do traslado, o conteúdo e o potencial do acervo ainda são parcialmente desconhecidos.

Durante a análise inicial, observou-se que, em alguns casos, os acondicionamentos enviados (caixas, maletas, sacolas, entre outros) apresentavam informações em suas superfícies que contextualizavam o documento em seu interior. Dessa forma, pode-se observar que em parte dos documentos do acervo pessoal existem ou existiam camadas de informações potencialmente relevantes, sejam registradas em acondicionamentos maiores que armazenavam vários documentos, em acondicionamentos menores que armazenavam documentos individualmente, ou ainda apostas nos próprios documentos.

A todo momento da pesquisa é descoberto novas informações que circundam os documentos, provavelmente registradas pelo titular ou pela doadora do acervo, Glória Gadelha. Essas informações não só delimitam aspectos acerca dos documentos individualmente, mas também evidenciam uma proposta e desejo de organização para o acervo pessoal, ou melhor, uma de resgate da organização do acervo pessoal, após o traslado. Nesse aspecto, considerando o estado em que o acervo atualmente se encontra, como vem sendo relatado nessa pesquisa, é central nossa preocupação com o resgate dessa organização original.

Isto é, os documentos possuem marcas inscritas pelo titular, ou pela doadora do acervo ou qualquer outra pessoa envolvida no processo de doação, espécies de metatextos que orientam o percurso pelo arquivo, como diria Cunha (2004), que serão descortinados com o avanço da pesquisa. Para melhor compreensão do que foi relatado, a Figura 5 ilustra tais características.

Figura 5 - Documento do acervo pessoal (maleta e itens do seu interior)



Fonte: dados da pesquisa de campo (2025).

A Figura 5 representa o caso em que o documento à esquerda contém informações relevantes que o contextualizam. Nele, pode-se observar informações sobre sua descrição, “maleta de viagem”, sua função pelo produtor, quando explica que “Sivuca usava para levar remédios em viagens”, além da descrição do “conteúdo”, isto é, documentos menores, à direita, que potencialmente tem relação intrínseca com a maleta de viagem: “1) lanterna minimaglite; 2) tesoura utilizada para barba; 3) lupa; 4) abotoaduras; 5) estojo; 6) manivela de tarraxa; 7) botão de rosa de madeira; 8) pente de plástico azul; 9) caixinha com broches; 10) porta cliques de metal; 11) vaso solitário; 12) porta vela de vidro flor; 13) difusores aromatizadores de cerâmica”.

Ao investigarmos o interior da maleta, como apresentado na Figura 5, observa-se que a descrição anterior não corresponde totalmente ao conteúdo. Verifica-se na maleta os seguintes documentos dos listados: lanterna minimaglite; pente de plástico azul; manivela de tarraxa; tesoura utilizada para barba. Além disso, há os seguintes documentos não listados: vela e protetor para os olhos. Por sua vez, os seguintes documentos listados não foram localizados: lupa, abotoaduras, estojo, botão de rosa de madeira, caixinha com broches, porta cliques de metal, vaso solitário, porta vela de vidro flor e difusores aromatizadores de cerâmica. Dessa forma, observa-se que nesse caso as informações de descrição não são suficientes para entender o contexto dos documentos, pois a descrição não corresponde ao conteúdo, situação que pode se replicar com outros documentos do acervo.

Considerando a estabilidade das informações, destaca-se que no exemplo do documento da Figura 5, as informações contextuais estão diretamente fixadas no próprio documento. Isso é vantajoso, pois dificultou a dispersão dessas informações durante o transporte do acervo pessoal e também durante eventual manuseio e processamento técnico no local permanente de custódia. Em contrapartida, outros documentos apresentam uma configuração diferente, onde as informações estão inscritas na embalagem de acondicionamento e não diretamente no documento, como exemplificado na Figura 6.

Figura 6 - Documento contendo informações descritivas na embalagem



Fonte: dados da pesquisa de campo (2025).

No caso da Figura 6, a própria embalagem de acondicionamento que remete a época do traslado do acervo, à esquerda, contém informações relevantes sobre sua descrição e sua função pelo produtor. Trata-se de um “Rádio Trans-Globo”, que “Sivuca usava no cotidiano, inclusive nas viagens nacionais e internacionais. Ele adorava”. Ademais, em outra embalagem de menor tamanho dentro da caixa, junto ao cabo de energia do aparelho, um outro fragmento de papel foi descoberto, contendo a seguinte anotação: “rádio de uso diário durante anos – levava nas viagens pelo mundo”.

Observa-se que as informações relacionadas ao documento da Figura 5 são tão importantes quanto aquelas na embalagem do documento da Figura 6. No entanto, no segundo caso, existe o risco de que tais informações sejam perdidas caso um responsável pela gestão do acervo decida desembalar os documentos e descartar a embalagem sem registrar essas informações em algum instrumento descritivo. Nesse cenário, o contexto que as informações poderiam proporcionar ao documento seria dispersado, e sua importância dentro do conjunto do acervo pessoal poderia ser comprometida, dificultando a recuperação desse contexto posteriormente.

Neste contexto, foi constatado que existem documentos já desembalados e desprovidos de qualquer tipo de informação inscrita sobre eles, literalmente dispersos no espaço de guarda do acervo. Esta observação levanta preocupações imediatas quanto à possibilidade de que possam estar desprovidos de qualquer informação relevante que os contextualizem, talvez inadvertidamente descartada junto às embalagens devido a uma supervisão menos atenta.

Nesse sentido, as reflexões acerca da função do documento, do contexto do produtor e de conjuntos documentais adquirem ainda mais relevância no caso dos acervos pessoais. Ao contrário dos acervos administrativos, em que seus documentos geralmente possuem informações que revelam sua proveniência – cabeçalhos que indicam os produtores, nomes de

pessoas, lugares, função ou atividade inscritas em seu corpo – além de uma vasta metodologia de classificação e gestão disponíveis na literatura, os acervos pessoais possuem características diferentes.

Neles, o resgate do contexto de produção e a função dos documentos se mostra desafiadora, como é o caso da presente pesquisa. Os documentos muitas vezes estão distantes de uma concepção mais tradicional, como é o caso *Maleta de metal ou do Rádio Trans-Globo*, mas possuem um significado para o produtor e seu contexto de vida e, uma intencionalidade, e, portanto, naturalmente compõem seu acervo pessoal. Entretanto, isoladamente e sem informações que os contextualizem, podem perder seu significado.

Nesse contexto, conforme Smit (2017, p. 33),

A preservação do potencial informacional dos documentos que compõem um arquivo pessoal pressupõe, portanto, que os mesmos não sejam reconhecidos como entidades autônomas (o que caracterizaria a lógica biblioteconômica), mas na qualidade de traços de atividades que somente alcançam todo seu sentido quando contextualizados nestas atividades. Um documento isolado pouco informa sobre as atividades desenvolvidas pelo titular, mas uma série de documentos que se referem à mesma atividade, é informacional em relação ao titular do arquivo. A preservação do contexto de produção dos documentos passa a ser a condição essencial para organização de um arquivo pessoal.

Nesse contexto, as informações contidas nos documentos do acervo pessoal de Sivuca representam potencialmente a única fonte para atribuir significado ao acervo na ausência de relatos diretos do produtor ou de seus familiares. Portanto, a preservação metódica dessas informações é imprescindível durante todas as atividades realizadas no acervo, refletindo um dos principais objetivos desta pesquisa.

Diante disso, as ações empreendidas durante a pesquisa têm como foco identificar e preservar marcas que contextualizem os documentos. Essa abordagem visa não apenas facilitar o avanço da pesquisa, mas também preservar o contexto histórico e memorial do acervo pessoal de Sivuca. Em face das dificuldades observadas com as informações dos documentos, existe o risco de que a memória contida nesse acervo seja prejudicada. Assim, cada marca preservada representa um esforço para manter viva a narrativa que os documentos individuais contam sobre a vida e obra de Sivuca, contribuindo para uma compreensão mais completa e precisa do seu legado.

Os resultados revelam que o acervo pessoal de Sivuca está rodeado de informações que delineiam seu contexto, sendo essencial a preservação dessas informações para (re)estabelecer a ordenação original estabelecida e/ou proposta pela doadora, bem como o processo de constituição do acervo. Essas informações não seguem um padrão claro e

definido, variando em profundidade: algumas delimitam o contexto no espaço-tempo do documento, outras se restringem a descrições físicas, e em alguns casos podem estar ausentes.

Com base na metodologia adotada, a análise focou em identificar marcas do contexto de produção dos documentos, intencionalidades materializadas no acervo, e os efeitos de sua institucionalização. Também foi realizada uma investigação sobre as barreiras causadas pelo traslado do acervo e seus desdobramentos, que poderiam comprometer ou eliminar as marcas da trajetória de sua constituição.

A análise dos impactos relacionados à preservação do acervo de Sivuca revela que as marcas do contexto de produção dos documentos e as intencionalidades por trás de sua organização são essenciais para a compreensão plena de seu valor histórico e cultural. A institucionalização do acervo, por sua vez, introduz novos desafios, como a necessidade de respeitar as intenções originais enquanto se adapta a normas institucionais e de preservação arquivística.

Nesse processo, há o risco de que algumas nuances do acervo sejam perdidas, especialmente as que estão vinculadas ao contexto pessoal e à informalidade na forma como certos documentos foram guardados ou produzidos. Portanto, a reflexão sobre esses impactos destaca a importância de uma abordagem sensível e criteriosa ao lidar com o acervo, de modo a minimizar as perdas e garantir que a memória e legados contidos nos documentos sejam transmitidos com fidelidade.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACERVO PESSOAL DE SIVUCA: reflexões e futuro

Conclui-se que as informações circunscritas nos documentos da coleção pessoal de Sivuca constituem a principal chave de significado do conjunto, sobretudo na ausência de testemunhos diretos do titular ou de seus familiares. Em termos biblioteconômicos, isso demanda modelos descritivos capazes de registrar proveniência, marcas de uso e relações entre obra, evento, pessoa e lugar, além de políticas de desenvolvimento de coleções, preservação e acesso que assegurem a integridade contextual, em consonância com a compreensão do documento como função informacional e com a ressignificação de objetos em contexto de coleção (Meyriat, 1981; Buckland, 1991; Buckland, 2014). A análise dos itens evidencia não apenas a trajetória artística e pessoal do músico, mas também os circuitos sociais, culturais e históricos em que se insere, confirmando a pertinência de abordagens neodocumentais e o papel público da informação na vida social e acadêmica (Briet, 2016; Freire; Freire, 2015).

Os desafios decorrentes da doação e do pós-traslado, tais como a fragmentação de embalagens portadoras de metadados, a perda de ordem original e a heterogeneidade de suportes, reforçam a necessidade de fluxos de trabalho documentados que incluam inventário sistemático, captura fotográfica, vinculação item–embalagem, distinção entre conteúdo declarado e conteúdo verificado, notas de história custodial e de processamento e prioridades de estabilização, conservação e digitalização. Tais medidas tornam a coleção auditável, interoperável com catálogos e repositórios e preparada para usos presentes e futuros, alinhadas a diretrizes de salvaguarda do patrimônio documental (UNESCO, 2002) e às especificidades de coleções musicais (Gómez González, 2008).

Ao recentrar o documento como função informacional e reconhecer que a documentalidade emerge de contextos de produção, uso e atribuição de sentido, reafirma-se o papel da Biblioteconomia na produção de inteligibilidade e acesso qualificado por meio de metadados consistentes, controle de autoridades, vocabulários temáticos e preservação do contexto de produção, condição essencial para a organização e compreensão de conjuntos pessoais (Meyriat, 1981; Smit, 2017; Buckland, 2014). A salvaguarda da coleção, portanto, ultrapassa a preservação material; trata-se de assegurar que narrativas e significados permaneçam acessíveis, interpretáveis e recontextualizáveis por novas gerações, reforçando a memória cultural e suas dimensões coletivas (Assmann, 2011; Halbwachs, 2004; Pollak, 1992).

Por fim, a relevância pública da coleção para a memória musical paraibana e brasileira justifica iniciativas contínuas de tratamento, preservação e difusão baseadas em indicadores de uso e impacto, políticas claras de direitos e estratégias de mediação que integrem ensino, pesquisa e extensão. Nessa perspectiva, a coleção pessoal de Sivuca deixa de ser apenas registro de uma trajetória individual e se consolida como infraestrutura informacional para a compreensão da identidade e do patrimônio musical brasileiro, em consonância com a missão social da Biblioteconomia e com a ética do acesso responsável à informação (UNESCO, 2002; Freire, G; Freire, I, 2015).

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, [S. l.], v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

BARANOV, T. **Mestre Sivuca**. Jornal GGN, Rio Claro, 15 dez. 2013. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/noticia/mestre-sivuca/>. Acesso em: 30 maio. 2024.

BRIET, S. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, [S. l.], v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

BUCKLAND, M. Documentality beyond documents. **The Monist**, [S. l.], v. 97, n. 2, p. 179-186, 2014.

CUNHA, O. M. G. da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2242/1381>. Acesso em: 6 set. 2024.

CUNHA, O. M. G. da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/XYzjLRvbTLVNnfsZVMJTYgf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2024.

FREIRE, G. H.; FREIRE, I. M. **Introdução à ciência da informação**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

GÓMEZ GONZÁLEZ, P. J. La organización de archivos musicales. In: GÓMEZ GONZÁLEZ, P. J.; HERNÁNDEZ OLIVERA, L.; MONTERO GARCÍA, J.; BAZ, R. V. (org.). **El archivo de los sonidos: la gestión de fondos musicales**. Salamanca: Asociación de Archiveros de Castilla y León, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HEYMANN, L. Q. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. (Org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

HOLMES, K. C. de S.; OLIVEIRA, B. M. J. F. de. Arquivo pessoal como extensor da memória individual e coletiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2023. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1887>. Acesso em: 30 maio 2024.

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN. **Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira**. Sivuca. [S. l.: s. n.], 2001. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/sivuca/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LAGE, M. O. P. **Abordar o património documental: territórios, práticas e desafios**. Guimarães, Portugal: Eden Gráfico, 2002.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

MEYRIAT, J. Document, documentation, documentologie. **Schéma et Schématisation**, [S. l.], n. 14, p. 51-63, 1981. Disponível em: <https://documentacademy.org/content/Meyriat-1981.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

ORTEGA, C. D.; SALDANHA, G. S. A noção de documento no espaço-tempo da Ciência da Informação: críticas e pragmáticas de um conceito. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, número especial, p. 189-203, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/6HSgrbhV5BJgkb6HXxnw3BK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2024.

OTLET, P. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 2018. 742p.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-22, 1992.

SMIT, J. W. Entre arquivos, bibliotecas e museus: a interdisciplinaridade em pauta. In: CAMPOS, J. F. G. (Org.). **Arquivos pessoais**: experiências, reflexões, perspectivas, 2017.

SOARES, F. M. **Sivuca e o acordeon**: aspectos e inter relações na construção de sua obra como compositor, arranjador, improvisador e multi-instrumentista. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

TOGNOLI, N. B.; BARROS, T. H. B. As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 66-84, abr. 2011. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4868/3665>. Acesso em: 25 nov. 2023.

UNESCO. **Programa memória do mundo: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental**. [S. l.]: Divisão da Sociedade da Informação, 2002. Disponível em: <https://mowlac.files.wordpress.com/2012/07/diretrizes-para-a-salvaguarda-do-patrimc3b4nio-documental.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2022.